



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

08 de março de 2016

Diário Catarinense
Cacau Menezes
"Ganhamos"

Ganhamos / UFSC / Brasil / Red Bull / Europa / Corrida / Paris

GANHAMOS

Três estudantes catarinenses da UFSC ganharam a eleição online e vão representar o Brasil num concurso da Red Bull que acontece a cada dois anos na Europa.

A corrida acontece da seguinte forma: são 165 equipes do mundo inteiro, formadas por universitários que têm sete dias para atravessar a Europa até chegar a Paris. Com um detalhe, porém: as equipes devem abrir mão de todo o dinheiro, celular e demais acessórios e somente usar latinhas de Red Bull como moeda de troca.

Diário Catarinense
Diário do Leitor
"Terreno da UFSC"

Terreno da UFSC / Conselho Universitário / Cessão de terreno / Florianópolis / Rua Delfino Conti / Transporte coletivo / Ciclovias / Luiz Gonzaga Galvão



COMENTÁRIOS

TERRENO DA UFSC

Convenhamos, a decisão do Conselho Universitário da UFSC sobre a cessão de um terreno de 31 mil metros quadrados em Florianópolis, com contrapartidas da prefeitura, procede. A referida área localizada na mais valorizada região da Capital equivale hoje a uma fortuna e essa transação é algo para ser muito bem estudado e pensado, ainda mais quando se trata de ampliação de rodovia em área específica, exclusiva, cujos benefícios são questionáveis. Após rápida análise no ofício enviado pela UFSC à prefeitura, constata-se

que as contrapartidas exigidas pela universidade, por si só, se justificam, reforçadas pela visível ausência do poder público.

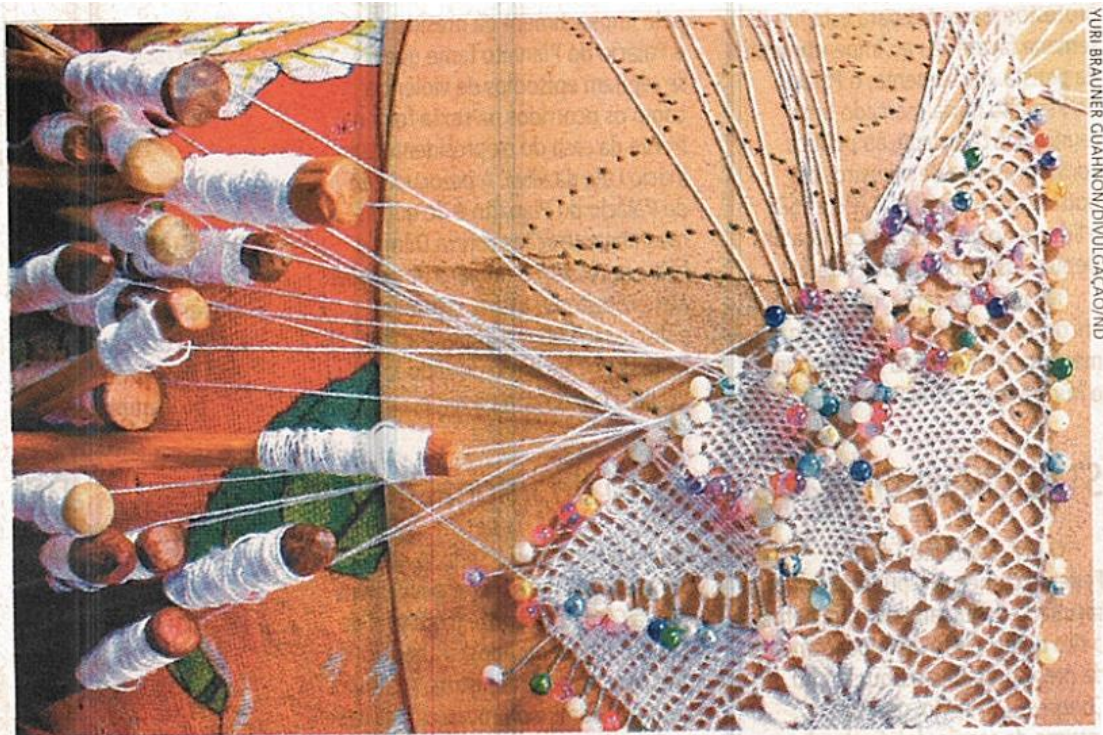
Dentre as reivindicações, uma merece destaque: a utilização exclusiva da rua Delfino Conti para o transporte coletivo e a instalação de ciclovias seguras e sinalização adequada para pedestres no entorno do campus. Cabe ressaltar que, na rua, a falta de ciclovias e de sinalização é a maior responsável pelo elevado número de acidentes.

LUIZ GONZAGA GALVÃO

Florianópolis

Notícias do Dia
Alessandra Ogeda
"Fechando um ciclo"

Fechando um ciclo / Projeto Ilha Rendeira / Fepese / Fundação de Estudos e Pesquisas Socioeconômicos / UFSC / Exposição fotográfica / Rendeiras / Ilha de Santa Catarina / Empreendedorismo / Rendas de bilro / Florianópolis / Yuri Brauner Guahnon / Museu Histórico de Santa Catarina



YURI BRAUNER GUAHNON/DIVULGAÇÃO/ND

Fechando um ciclo

O Projeto Ilha Rendida, desenvolvido pela Fepese (Fundação de Estudos e Pesquisas Socioeconômicos), da UFSC, encerra as atividades neste mês com a abertura, quinta-feira, da exposição fotográfica que valoriza o trabalho das rendeiras da Ilha de Santa Catarina. Criado em 2014, o projeto buscou valorizar o empreendedorismo nas rendas de bilro de Florianópolis, cidade com o maior número de rendeiras do Sul do país – cerca de 250 artesãs. Além de mapear a produção de renda de bilro na Capital, o projeto ministrou capacitação para as artesãs. Até o dia 10 de abril os visitantes poderão conferir o trabalho (foto) do fotógrafo Yuri Brauner Guahnon no Museu Histórico de Santa Catarina.

Três gerações e uma batalha em comum / Dia da mulher / Serviço doméstico / Departamento de História / UFSC / Cristina Wolff / Mercado de trabalho / Mariza Valverde / Florianópolis / Carreira / Helena Peixoto de Assis / Clarissa Peixoto / União Catarinense dos Estudantes / Projeto de Lei 5069-2013 / Universidade Católica de Salvador / Mary Garcia Castro / Sexualidade

TRÊS GERAÇÕES E UMA



Lais Souza e a mãe Daniela Cerqueira

TEMAS QUE PERSISTEM há décadas e separam homens e mulheres de condições igualitárias são discutidos por três famílias contrapostas entre a vivência das mais experientes e a expectativa das mais jovens

KARINE WENZEL E GABRIELE DUARTE
karine.wenzel@diariocatarinense.com.br
gabriele.duarte@diariocatarinense.com.br

Na família Campos, Daniela sempre sonhou em casar e ter filhos. Mas a maternidade não está nos planos para o futuro da filha dela, Lais, e casamento, só se for pela praticidade. Entre as Valverde, assim como a avó Mariza, Yasmin acredita que homens e mulheres devem dividir as tarefas domésticas, mas reconhece que em sua casa não é exatamente isso que acontece. No lar das Peixoto, nem Clarissa, nem Helena acreditam que exista profissão de homem ou de mulher e ambas concordam que não há justificativas para salários diferentes.

Maternidade, divisão de tarefas domésticas e carreira são algumas das questões que tendem a avançar a cada geração. Para saber se há evolução no debate de gênero entre mulheres de diferentes idades, o Diário Catarinense entrevistou integrantes de distintas gerações sobre as temáticas sugeridas pela coordenadora do Laboratório

de Estudos de Gênero e História (Legh) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Cristina Scheibe Wolff. Possíveis divergências podem gerar conflitos, mas também provocam reflexão e até mudança de comportamento. Independentemente da geração, ainda há desafios pela frente.

– Houve uma mudança muito grande nas últimas décadas, especialmente das nossas avós para hoje. Mas infelizmente não está em todos os lugares da sociedade, ao mesmo tempo em que temos grupos de pessoas que estão se mobilizando, contestadoras, temos reações dos setores mais conservadores da sociedade e que são pessoas jovens também. Não é só a geração que define isso – diz Cristina.

Para os que enfrentam conflitos em casa, a dica é praticar a empatia. Colocar-se no lugar do outro pode nos tornar mais flexíveis e estabelecer uma relação de respeito.

– Quando nos colocamos no universo do outro, conseguimos compreender o modo como reagem a nossas atitudes. Ai sim conseguimos trilhar um caminho pacífico – diz a psicóloga Giselle Dechen.

Maternidade

Mudanças no casamento e na decisão sobre ter filhos

Uma das mudanças mais significativas talvez esteja em pontos considerados até então fundamentais na vida da mulher: o casamento e a maternidade. A médica Daniela Campos Maciel, 46 anos, conta emocionada que sempre sonhou em ser mãe e planejava o casamento ideal. A primogênita, acadêmica de biologia da UFSC, Lais Campos Souza, de 25 anos, não pretende casar. Apesar de morar junto com o namorado há um ano, ao contrário da mãe, não chama a relação de casamento. E afirma que casaria no jurídico “só se fosse para facilitar a vida”.

– Também não planejo ter filhos. Não é porque alguém nasceu com útero que tem a obrigação de ser mãe. Se fosse para ter, adotaria – acrescenta a jovem.

Lais reconhece que não está preparada para assumir tamanha responsabilidade. Já a mãe, afirma

que cuida de filhos, são três no total, desde os 20 anos, quando engravidou na época da faculdade.

– Minha vida gira em torno disso e acho muito bom. Se alguém não quiser ser mãe é uma escolha e devemos respeitar. Mas fico intrigada: como alguém pode não querer passar por isso? – questiona Daniela.

Longe de ser motivo de atrito, mãe e filha garantem que têm uma boa relação, pois já passaram da “fase caótica” e brincam que estão em vias de recuperação.

Quando o assunto é aborto, as respostas de mãe e filha também são opostas. Lais defende que é uma decisão da mulher e que deveria ser legalizado para acabar com as milhares de mortes no país. Já Daniela, é totalmente contrária:

– Dentro da minha religião, a partir do momento da fecundação tem uma vida e você não tem direito de tirar essa vida em hipótese alguma.



BATALHA EM COMUM

Tarefas no lar

Divisão do serviço doméstico ainda fica apenas na "ajudinha"

No discurso está resolvido: homens e mulheres devem dividir as tarefas domésticas. Mas na prática não é tão simples assim. A professora do departamento de História da UFSC Cristina Wolff explica que apesar de avanços significativos das mulheres no mercado de trabalho, ainda há desafios em outros setores, principalmente dentro do espaço doméstico.

As mulheres saíram para trabalhar, mas ainda é difícil que os homens assumam sua parte nas tarefas domésticas. Essa divisão dos trabalhos faz com que as mulheres fiquem muito sobrecarregadas. O que acontece é que o trabalho é dela, o homem só ajuda. Cada uma dá um jeito na sua vida, mas a gente não pensa coletivamente - avalia a pesquisadora.

Nas tarefas da casa de Mari-za Valverde, 59 anos, ela tenta

reverter essa lógica.

- Meu marido não é de serviço doméstico, mas ajuda. Ele busca netos na escola, leva no futebol - afirma a professora aposentada de Florianópolis, casada há 35 anos com o primeiro namorado.

A neta Yasmin, 12 anos, concorda com a avó que os homens devem ajudar nas atividades, mas admite que na casa dela quem se encarrega mais das tarefas é a mãe, com a ajuda dela.

- Funciona mais ou menos. Mas acho que os dois deviam fazer tudo - afirma.

Quando o assunto é pagar as contas e dirigir o carro, a resposta também coincide. Homem e mulher podem desenvolver qualquer atividade. E se depender das gerações mais novas, o discurso estará cada vez mais

aliado à prática, inclusive entre as tarefas diárias dentro de casa.

Carreira

Escolha da profissão livre de rótulos de menino ou menina

Helena Peixoto de Assis, 7, vive em um contexto politizado desde bebê. Em 2001, a mãe Clarissa Peixoto, 32, alternava entre a amamentação e reuniões na União Catarinense dos Estudantes. A participação em manifestações sociais da menina perdura: acompanhada da mãe, ela foi aos protestos contrários ao projeto de Lei 5069/2013, que dificulta o aborto em caso de violência sexual.

A mãe jornalista orgulha-se de ter insistido na carreira depois da maternidade e, principalmente, de envolver a filha nas discussões de gênero. A postura de Clarissa inspira Helena na projeção do próprio futuro. A baixinha de cabelos crespos quer casar, ter filhos e ser cantora.

- Isso [casar] para mim é bonito. É amor isso para mim. Eu posso viajar com os meus filhos, posso brincar com eles, posso fazer um monte de coisa com eles. Mas primeiro eu vou ficar na minha esco-

la. Ai quando eu estiver bem boa, vou cantar - conta.

Com o apoio da mãe, a menina também considera a profissão de jogadora de futebol. E, no embalo da progenitora, dispensa rótulos de profissões masculinas ou femininas.

- É uma opinião muito careta. Eu acho que as mulheres são capazes de fazer todas as coisas que os homens fazem e os homens também - explica Clarissa.

- Alguns meninos que ainda são crianças acham que meninas não podem brincar com coisas que parecem ser de menino. O menino pode brincar com a boneca. A menina pode brincar com o carrinho. E é igual à profissão - diz Helena.

Questionada sobre como reagiria a uma situação onde ganharia salário inferior a um homem, a criança ainda defende a igualdade salarial.

- Eu acharia legal para ele. Para mim, eu não ia achar tão legal assim. Não acho tão justo.

ENTREVISTA

MARY GARCIA CASTRO
Socióloga

Avanços ainda são necessários

Socióloga e pesquisadora da Universidade Católica de Salvador, Mary Garcia Castro fala sobre como as novas gerações percebem os direitos femininos e os desafios que ainda existem no cenário brasileiro



É perceptível a mudança de discurso e ações das diferentes gerações em assuntos relativos às mulheres?

São perceptíveis várias mudanças como também muitas permanências, por exemplo, entre essas as amarras do amor romântico e a dependência econômica de tantas mulheres. Porém no cômputo geral, nós, e em especial nossas filhas e netas, avançam e muito. Mas como uma característica destes tempos é a diversidade, as referências são tendências gerais, que de acordo com as oportunidades, o meio social e biografias variam. Nota-se uma ampliação inclusive no campo da sexualidade; questionamento sobre a maternidade como único destino e a busca por conjugação entre carreira e vida afetiva, sendo que em muitos casos, a primeira remodela a outra.

Na sua opinião, o que ainda falta para avançar?

Em todas as frentes houve avanços em condições de vida das mulheres atrelado a um feminismo que advogou políticas públicas, serviços de saúde contra a mortalidade materna, atendimento neonatal e direitos trabalhistas como licença-maternidade. Mas várias análises demonstram que tais tentativas de inclusão não necessariamente acabaram com brechas históricas, como a diferença de mulheres em cargos públicos. A qualidade da educação nas escolas, e a formação educacional por direitos e diversidade deixa muito a desejar e não colaboram, ao contrário, para que as mulheres venham a ser respeitadas e se identifiquem como sujeitos de suas vontades.



Clarissa Peixoto é mãe de Helena Peixoto

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

[Farmácia da UFSC está com 18 remédios de uso contínuo em falta](#)

[18 medicamentos de uso contínuo estão em falta na Farmácia](#)

[Escola da UFSC](#)

Estudantes de Santa Catarina e Paraná irão representar o Brasil em competição inusitada pela Europa

Sistema elaborado pela Satc dá fim aos furtos de energia

Coisa de mulher? Conheça histórias que mostram a pluralidade feminina

Avó, mães e filhas catarinenses demonstram a evolução do feminismo dentro da família

UFSC abre inscrições para vagas suplementares para negros

Intervenção rouba a cena no centro de Florianópolis no Dia da Mulher

Evento de polo aquático agita Praia do Caixa D'Aço, em Porto Belo